Capítulo 89

O período entreguerras: o nazismo - da República de Weimar ao III Reich

A derrota na Grande Guerra e a queda do Império deixaram a Alemanha à beira da guerra civil. O governo social-democrata não poderia impedir a revolução bolchevique sem apelar ao exército. Setores políticos moderados dominaram a República, proclamada em Weimar. Apesar da recuperação econômico-financeira a partir de 1923, o futuro era incerto, diante da miséria, da pressão de militares e da agitação dos nacionalistas — entre os quais se destacava o *Partido Nacional-Socialista* de Adolf Hitler.

A crise mundial aguçou as tendências comunistas e as nacionalistas. Monarquistas conservadores e empresários se articularam. Pensavam usar Hitler em proveito próprio. Isto facilitou sua ascensão ao cargo de chanceler em 1933. Em seguida, Hitler impôs a ditadura. O regime ganhou logo apoio dos anticomunistas, antidemocráticos e antiliberais.

O nazismo ou nacional-socialismo introduzia nova concepção do mundo: racista e anti-semita, concebia os alemães como raça superior, que se expressaria num Estado totalitário, guiado por um chefe infalível. O regime se apoiava num partido único, usava grupos de assalto compostos por fanáticos e uma polícia implacável. O país se nazificou. O regime eliminou todos os inimigos, políticos, ideológicos ou raciais.

Praticando uma autarquia econômica, teoricamente anticapitalista, os nazistas conseguiram, em vigoroso esforço, recuperar o país e consolidar o novo sistema político.

1. A Alemanha de 1918

Desde a unificação em 1871, aristocratas prussianos passaram a constituir as classes dirigentes alemãs. Grandes proprietários, conservadores, protestantes, tinham se beneficiado com a alta de preços dos cereais no fim do século XIX. Eram os *junkers*. A eles se somavam os grandes empresários, favorecidos especialmente pela política de conquista de novos mercados mundiais, desenvolvida por Guilherme II. A elite militar, adepta do pangermanismo, dependia de uma sólida base industrial. A economia de guerra havia estabelecido laços entre Estado e grande indústria.

Apesar das mortes e perdas territoriais da guerra, a população ainda era grande: 58 milhões de habitantes, 70% nas cidades. A massa trabalhadora urbana e camponesa representava mais de metade da população ativa. O socialismo ganhou rapidamente o proletariado urbano, integrado nos sindicatos ligados ao Partido Social-Democrata.

Em 1917, socialistas radicais se desligaram do conjunto, liderados por Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. As idéias bolcheviques passaram a ecoar fortemente no seio do proletariado, sensível a teses revolucionárias.

2. O levante bolchevista

Proclamada a República em 9 de novembro de 1918, um comitê provisório de *comissários do povo*, do Partido Social-Democrata, tomou o poder sob a presidência de Friedrich Ebert. Seus esforços se voltavam para a manutenção da unidade do país e o desenvolvimento de uma legislação social avançada.

Sob o impacto da Revolução Russa, multiplicavam-se por toda parte os conselhos de trabalhadores, soldados e marinheiros. Tendências separatistas pipocavam pelo país. Os sociais-democratas no poder, moderados, haviam concedido o direito de voto e a jornada de trabalho de 8 horas e prometiam a socialização das empresas, mas não estavam dispostos a aplicar um programa socialista. Queriam uma república constitucional e liberal.

O apoio militar tornou-se indispensável para preservar a ordem. A reaproximação com o exército reavivou o mito de sua invencibilidade e da traição dos revolucionários; governo e exército estavam decididos a destruir os bolchevistas.

Em dezembro de 1918, Liebknecht e Rosa Luxemburgo lideraram um levante de socialistas bolchevistas, os *espartaquistas*. Eles tomaram Berlim, com ajuda de soldados e marinheiros amotinados. Com apoio de Hindemburgo, que

liberou tropas vindas da frente de batalha, Ebert dominou a insurreição. Liebknecht e Rosa foram assassinados. Os militares então eliminaram focos bolchevistas em outras cidades.

3. A Constituição de Weimar

A crise social apressou a convocação de uma Assembléia Constituinte em janeiro de 1919, eleita por voto universal. A extrema esquerda perdeu posição, mas os sociais-democratas não conseguiram maioria. Eleito presidente, Ebert teve de fazer uma composição partidária para governar.

A Constituição criou uma República federalista, liberal, democrática, parlamentarista, com dezessete Estados. Por voto direto, os eleitores escolheriam um presidente a cada sete anos. Ele indicaria um chanceler para exercer o governo: aplicar as leis, submetê-las a aprovação popular, dissolver o Parlamento e adotar medidas excepcionais em caso de crise. O *Reichstag* (Assembléia) seria composto por deputados eleitos por voto universal; o *Reichsrat* (Assembléia do Reino), por representantes dos Estados.

As principais tendências políticas eram:

- *Partido Nacional*, dos grandes proprietários;
- *Partido Democrata e Partido Populista*, da grande burguesia capitalista;
- *Partido de Centro Católico*, dos pequenos proprietários do sul e oeste;
- *Partido Social-Democrata*, dos operários marxistas e sindicalizados.

4. Dificuldades e crises

As dificuldades econômicas ampliaram as tensões políticas. Na guerra, sem poder aumentar os impostos sobre os ganhos de capital, o governo equilibrou as finanças emitindo dinheiro. O marco se desvalorizou: um dólar comprava 4 marcos em 1914; 84 em 1920; 186 no início de 1922; em julho, 401; em janeiro de 1923, o dólar já comprava 7 260 marcos.

A indústria se beneficiou, pois as mercadorias ficaram mais baratas e competiam facilmente no mercado internacional. Para se protegerem, os grandes capitalistas se uniram em cartéis; acomodaram-se à situação, lucrando muito e fazendo altos investimentos em equipamentos, máquinas e novas fábricas.

Em 1923 a situação se complicou. Os franceses ocuparam o Ruhr, região industrial, para garantir o pagamento de indenizações estipuladas no Tratado de Versalhes. As emissões cresceram desordenadamente. O dólar passou a valer 260 000 marcos em julho; 13 milhões em setembro; 4 bilhões e 200 milhões em novembro. A confusão instalou-se. O salário variava no curso do dia. Um carrinho de mão cheio de marcos comprava um maço de cigarros. Nas cervejarias, o freguês pedia vários copos de uma vez, pois na próxima rodada o preço poderia ter aumentado. Os camponeses se recusavam a aceitar papel-moeda, fazendo ressurgir o sistema de troca.

Eclodiram greves e insurreições. Um grupo do recentemente lançado Partido Nacional-Socialista, liderado por Hitler e apoiado pelo general Ludendorff, tentou um golpe fracassado em Munique. Pretendiam fazer uma revolução, acusando os capitalistas e os judeus de conspirar contra a República.

5. Uma fase estável

Entre 1924 e 1929, a República de Weimar passou por uma fase estável, graças a alguns fatores:

- no *plano político*, a habilidade do ministro das Relações Exteriores, Stresemann, que diminuiu as dívidas de guerra; a admissão dos alemães na Sociedade das Nações; a evacuação antecipada da Renânia (1930); a entrada de créditos americanos.
- no *plano econômico*, a habilidade de Schacht, criador do *rentenmark*, a nova moeda: 1 rentenmark = 4,2 dólares = 4,2 bilhões de marcos-papel. Recursos ingleses e americanos, com a garantia do patrimônio da indústria alemã, sustentaram a nova moeda.

A indústria se recuperou; os fracos faliram e deu-se um processo de concentração, com avanço tecnológico que abriu as portas do mercado internacional às empresas alemãs. Uma só empresa empregava 160 000 operários e detinha 25% da produção de carvão e 40% da de aço. Um só conglomerado detinha 80% da produção química.

Ao substituir Ebert, morto em 1925, o monarquista Hindemburg trouxe o apoio da aristocracia e do exército para a República. Ele pretendia uma

restauração imperial. Eleito com 15 milhões de votos contra 14 milhões do adversário, imprimiu sentido conservador ao governo. As radicalizações perderam força. Basta dizer que o partido de Hitler, que conseguira 2 milhões de votos em 1924, não chegou a 1 milhão em 1928.

6. 1929: agitação política

A crise de 1929 pegou a Alemanha em cheio. Sem os créditos americanos, não podia continuar pagando indenizações de guerra. Superindustrializada, não encontrava mercado para seus produtos nem podia pagar mais as matérias-primas. As grandes corporações continuaram firmes. Sofriam os pequenos e médios, que empregavam metade dos trabalhadores. O resultado foi o desemprego em massa: 1 milhão de pessoas em 1929; 3 milhões em 1930; mais de 6 milhões em 1931. A classe média ficou arruinada. Os agricultores deviam mais que o valor de suas terras e se organizavam para impedir a tomada delas pelos credores.

A crise deu força aos anti-semitas, que identificavam os judeus com o dinheiro, a usura e o capitalismo internacional. Foi um golpe fatal nos sentimentos republicanos, liberais e democráticos.

Os comunistas ganhavam cada vez mais votos e se dispunham a formar uma *frente vermelha* contra os fascistas. A extrema direita nacionalista estava dividida, mas subia o prestígio do Partido Nacional-Socialista.

6. Hitler e o nazismo

Adolf Hitler nasceu em 1888 em Braunau, Áustria, filho de um empregado de alfândega. Aos 21 anos, mudou-se para Viena e tentou sem sucesso entrar na Academia de Belas-Artes para estudar pintura e arquitetura.

Vivia de expedientes, como pintar cartões postais. Perambulava pelos bares, lia jornais e livros, pernoitava em asilos. Autodidata, assimilava mal as leituras. Desprezava judeus, marxistas e as massas, todos incapazes, segundo ele, do *sentimento nacional* — idéias apreendidas da pequena burguesia vienense.

Em 1913, com 25 anos, mudou-se para Munique. Lutou na Grande Guerra com bravura. Ferido duas vezes, foi condecorado com a Cruz de Ferro. No hospital, remoía a derrota, que atribuía não à eficiência do inimigo, mas à traição de grupos políticos radicais dentro da própria Alemanha. Voltou a Munique e passou a trabalhar na sessão de imprensa e propaganda do Quarto Comando das Forças Armadas, a *Reichswerth.*

Em setembro de 1919, Hitler aderiu a um grupo pomposámente chamado de *Partido Trabalhista Alemão*, fundado por um mecânico ferroviário. Seu programa falava em bem-estâr do povo, igualdade perante o Estado, anulação dos tratados de paz, exclusão dos judeus da comunidade.

Hitler pôs sua capacidade oratória a serviço do grupo e contribuiu para a mudança de nome para Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães — *Nazi* (abreviado do alemão **Na**tionalso**zi**alist). O símbolo era a bandeira vermelha com a cruz gamada. Possuíam um jornalzinho. O capitão Roehm incorporou uma organização paramilitar, as SA (Seções de Assalto), encarregadas de perturbar as reuniões dos adversários. O confuso programa denunciava judeus, marxistas e estrangeiros; prometia trabalho e a supressão das regras ditadas em Versalhes.

Em 1921, aos 33 anos de idade, Hitler tornou-se chefe do partido, que tinha apenas 3 000 filiados.

Depois de fracassar na tentativa de golpe em Munique (1923), Hitler foi condenado a cinco anos de prisão. Cumpriu oito meses, que aproveitou para escrever a primeira parte de seu livro *Mein Kampf* ("Minha Luta").

Inspirando-se no fascismo e no bolchevismo, reorganizou seu partido, dando-lhe mais eficiência e disciplina, dotando-o de estruturas administrativas e hierárquicas regionais, de um jornal e de formações paramilitares: além das SA, as SS, brigadas de segurança. Organizou a *juventude hitlerista* e atraiu sindicatos, associações de médicos, professores, juristas, funcionários e outros profissionais.

Fundamentos e ideologia

A ideologia nazista incorporou velhos princípios, com significado novo. Subsídios importantes foram fornecidos por escritores e pensadores: o *anti-semitismo*, de teorias racistas de Gobineau, Chamberlain e Wagner; o *pànger-*

manismo, de Wagner; o *neopaganismo*, de Rosemberg; o *Estado forte* e a *regeneração nacional*, de Spengler; a idéia do *Terceiro Reich*, de Van der Bruck; o *nacionalismo exaltado*, de Jüger e Von Solomon. O programa do Partido Trabalhista (1920) e os textos de Hitler sintetizam sua proposta ideológica:

1. **racismo**, ponto fundamental do nazismo. O povo alemão pertenceria a uma raça ariana superior. Sua missão seria dominar o mundo sem se contaminar por raças ou elementos "inferiores": franco-maçonaria, liberalismo, marxismo, Igreja Católica e os judeus, cujo espírito liberal e crítico os transformava no principal elemento de dissolução da "pureza da raça".

2. **totalitarismo**, desdobramento do racismo. O indivíduo pertenceria ao Estado: seria um instrumento da comunidade racial. Assim, o Estado não poderia ser liberal nem parlamentar, pois não poderia dividir-se em função de interesses pessoais. Como o fascismo, o nazismo era antiparlamentar, antiliberal e antidemocrático. Da mesma forma, deveria ter um único chefe, o *Führer*. Ele simbolizaria a Alemanha e teria toda a responsabilidade das decisões, embora pudesse submetê-las a plebiscitos. Esses princípios podiam ser resumidos assim: um povo (*Volk*), um império (*Reich*) e um chefe (*Führer*).

3. **antimarxismo e anticapitalismo**, desdobramentos dos princípios fundamentais também. O marxismo era produto do pensamento judaico (Karl Marx), que propunha a luta de classes; o capitalismo seria danoso ao agravar as desigualdades e atentar contra a unidade do Estado. Hitler passou a distinguir o capital nacional, útil à comunidade, do capital internacional, impregnado de judaísmo.

4. **unipartidarismo**, decorrência do conjunto. Hitler pregava que a nova ordem seria atingida nos quadros de um Estado totalitário, fundado sobre o fanatismo nacional e o fervor racista; vanguarda seria o Partido Nacional-Socialista, partido único, hierarquizado e dirigido segundo o princípio da chefia absoluta. O chefe supremo era ele, que tinha como suplente Rudolf Hess, substituído após 1941 por Martin Bormann. As forças paramilitares das *Waffen SS*, comandadas por Himmler, chegaram a ter 500 000 homens; eram tropas de elite, ligadas ao exército. Himmler assumiu o controle da polícia política, a *Gestapo*.

5. **nacionalismo reivindicativo**, para o nazismo, era preciso destruir as "humilhações" do Tratado de Versalhes e integrar as comunidades germânicas da Europa (Áustria, Sudetos, Dantzig). Em suma, conquistar para a Alemanha, na Polônia e na Ucrânia, um *espaço vital*, o que implicava ajustar contas primeiro com os franceses, aliados dos eslavos.

O partido único controlava toda a população, pela fiscalização das informações e da propaganda, conduzida por um ministro especialista nisso: Goebbels. Ele supervisionava imprensa, literatura, cinema, rádio — este, a grande arma na comunicação com as massas.

Tiveram grande importância o lazer dos jovens e dos trabalhadores e a educação da juventude nazista, uma elite fanatizada, obrigada a trabalhar a partir de 1935.

A tomada do poder

Com a crise de 1929, os nazistas passaram a fazer proclamações, gigantescas paradas e desfiles das SA e SS. Hitler surgia como o campeão da luta contra o bolchevismo. Empresas capitalistas passaram a dar-lhe apoio financeiro a partir de 1932. Reunindo descontentes de todo lado, especialmente na classe média e no campo, o partido saltou dos 400 000 membros em 1928 para 1,5 milhão em 1930; e dos 2,3% de votos para 18,3%. Fez 107 deputados, contra 77 comunistas.

Em 1932, Hindemburg encarregou o católico Brüning de combater o comunismo. A violência nazista o obrigou a dissolver as SA e as SS. A crise o obrigou também a tomar medidas socializantes: controle do mercado, socialização de bancos. O velho marechal Hindemburg foi reeleito com 19 milhões de votos, mas Hitler obteve 13 milhões.

Brüning projetou colonizar as grandes propriedades e os latifundiários pressionaram Hindemburg. O chanceler Von Papen dissolveu o Parlamento e convocou eleições. Os nazistas

tiveram 37,3% dos votos e fizeram 230 deputados, graças ao maciço apoio da burguesia, proletarizada pela crise. Hindemburg recusou-se a fazer de Hitler chanceler e, convocadas novas eleições, permaneceu a vantagem dos nazistas.

O novo chanceler, general Von Schleiter, queria quebrar a força de nazistas e comunistas organizando uma ditadura corporativa no modelo italiano; pretendia fazer reformas sociais com o apoio dos sindicatos. Mas o que conseguiu foi atrair a ira dos grandes capitalistas. Von Papen, ligado a eles, aproximou-se de Hitler; propôs a ele diminuir a agressão verbal contra os capitalistas. E Hitler foi nomeado chanceler em 30 de janeiro de 1933.

O empresariado e os conservadores monarquistas achavam que iam manobrá-lo. Os comunistas poderiam ter evitado a chegada de Hitler ao poder caso tivessem apoiado o centro, dando-lhe maioria no Parlamento. Mas também achavam que Hitler cairia logo.

Terror e ditadura

Em apenas 23 meses, numa sucessão de golpes de força, ilegalidades e assassinatos, Hitler implantaria sua ditadura pessoal. Com autorização de Hindemburg, dissolveu o Parlamento e encarregou Goering de preparar as novas eleições. Este chamou as SA e SS, sob o pretexto de que as tropas regulares eram insuficientes para garantir a ordem.

A campanha eleitoral foi um terror. Reuniões invadidas, jornais depredados, líderes rivais assassinados. Em 27 de fevereiro de 1933, os nazistas incendiaram o Parlamento e culparam os comunistas, que foram presos junto com socialistas e liberais. Restabeleceu-se a pena de morte e suspenderam-se as garantias individuais e civis.

A alegada conspiração comunista fez com que os nazistas tivessem 44% dos votos; os 81 comunistas eleitos foram excluídos do Parlamento e os nazistas ficaram em maioria absoluta. Em 23 de março, Hitler obteve o voto de plenos poderes, com apoio dos católicos, que acreditavam numa concordata, como havia acontecido na Itália de Mussolini.

Hitler começou a aplicar o programa nazista. Suspendeu os partidos políticos, menos o nazista, extinguiu os sindicatos, diminuiu os privilégios dos Estados em favor do poder central e tomou medidas anti-semitas.

A principal oposição surgiu dentro do próprio partido: Roehm, chefe das SA, aproximou-se do general Von Schleiter e planejou um golpe, com apoio de 3 milhões de homens de sua força paramilitar, constituída basicamente de desempregados. Em 30 de junho de 1934, centenas de oponentes foram massacrados, entre eles Schleiter; adeptos de Roehm foram metralhados de surpresa numa reunião. Foi a *Noite dos Longos Punhais*. Em toda a Alemanha, 3 000 assassinatos. Muitos outros foram juntar-se a comunistas e judeus nos campos de concentração, recém-abertos, como Dachau e Buchenwald. Os generais, que viam na SA uma perigosa concorrente, felicitaram Hitler.

O regime definiu as relações com a Igreja. Concordata assinada com o papa Pio XI impunha aos bispos o dever de prestar juramento ao chanceler. O papa protestou, não contra a ditadura, mas contra o paganismo nazista. A tentativa de unificar a Igreja Luterana em torno do dr. Müller, bispo do Reich, provocou a reação de mais de 500 pastores, remetidos imediatamente para os campos de concentração.

Hindemburg morreu no fim de 1934. Hitler acumulou as funções de chanceler e presidente. Todos os funcionários e oficiais das forças armadas deveriam prestar-lhe juramento pessoal de fidelidade.

O Reich do Führer

Chamou-se *III Reich* porque havia o *I Reich* (o Sacro Império Romano Germânico que Oton I fundou em 962 e durou até 1806); e o *II Reich*, nascido em 1871 sob Guilherme I, com a unificação alemã.

Hitler suprimiu o Estado federalista. Os Estados receberam chefes por ele indicados. Dissolveu a Assembléia do Reino. O país adotou a bandeira do Partido Nazista, com a suástica. Os membros do partido ocuparam todos os cargos da administração e a vida política reduziu-se a manifestações anuais do nazismo — os congressos realizados em Nuremberg. O Parlamento, todo nazista, reunia-se conforme a vontade de Hitler de ser aclamado.

Os judeus, duramente perseguidos, foram excluídos de administração, ensino, jornalismo, atividades artísticas e literárias. Passaram à condição

de súditos; perderam os direitos civis, o acesso a lugares públicos; casamento de "ariano" com judeu passou a ser punido como crime de *profanação racial*. A partir de 1938, a violência cresceu: espancamentos, destruição de sinagogas e casas, uso de sinais identificadores e proibição de deixar o país. Mesmo assim, Einstein, Thomas Mann e muitos outros conseguiram fugir.

Milhares de obras foram excluídas dos museus ou destruídas, como *arte degenerada*: abstracionismo, impressionismo, cubismo.

O Estado intervinha moderadamente na economia. Procurava controlar o mundo do trabalho e orientar a produção sem alterar basicamente a estrutura capitalista. Integrou as atividades de modo a harmonizar a produção. O Estado fixava a jornada de trabalho, os salários e os lucros, mas também velava pela formação profissional e pelo lazer. Suprimiu as liberdades sindicais e o direito de greve.

No campo, o Estado nacional-socialista criou o *Erbhof*, domínio familiar de menos de 125 acres (menos de 21 alqueires), inalienável, indivisível e transmissível a um só herdeiro.

Realizou-se uma frente de trabalhadores, operários e camponeses e uma frente de patrões, em estilo corporativo, tudo supervisionado pelo Führer. As grandes empresas foram protegidas; impôs-se a formação de cartéis e acelerou-se a concentração industrial.

O novo Reich buscou o desenvolvimento com base em planos quadrienais. No Primeiro Plano, iniciado em 1933, realizaram-se obras públicas para absorver desempregados: aeroportos, estradas, ferrovias, tudo com finalidade estratégica. O desemprego desapareceu em 1937. Mas o grande trunfo estava no desenvolvimento secreto da indústria bélica, que provocou a retomada industrial.

A falta de recursos monetários levou Schacht, ministro da Economia de 1934 a 1937, a obrigar o pagamento de importações com produtos da indústria alemã. Isto correspondia às necessidades dos países da Europa central, exportadores de produtos primários.

O Segundo Plano quadrienal, a partir de 1936, agora sob a direção do marechal Goering, tinha por finalidade libertar a Alemanha de matérias-primas importadas. Retomou-se a exploração de minérios, avançou-se na pesquisa têxtil e na produção de borracha, carburantes e petróleo.

Em 1939, a indústria alemã é a segunda do mundo. Mas faltam minérios para a siderurgia. A agricultura fornece 75% do que o país precisa. A indústria bélica exige mais e mais matéria-prima. A indústria de bens de consumo ficou prejudicada, tal como o comércio exterior, reduzido à metade.

Havia limites para essa *autarquia* — essa auto-suficiência econômica. A acumulação de estoques levaria necessariamente à tese expansionista, à busca do *espaço vital*, sobretudo na Europa central. Essa necessidade vinha a calhar para a propaganda nazista em torno da questão nacional.

O mundo ainda se refazia da I Guerra Mundial e já marchava para outra. Mas antes de mergulhar nesse novo conflito, vamos ver como o Brasil passou pelo turbulento período entreguerras.

Questões propostas

1. Como se compunham as forças políticas e sociais no início da República de Weimar?

2. Como foi o primeiro levante armado contra a República?

3. Que tipo de Estado criou a Constituição da República de Weimar?

4. Que impacto causou à Alemanha a crise de 1929?

5. Resuma: quem era Hitler? Como construiu seu partido?

6. Resuma: a ideologia nazista.

7. Hitler chegou ao poder pela força? Comente a diferença das motivações que levaram conservadores e comunistas a facilitar a chegada dele ao poder.

8. Resuma a escalada de violência utilizada pelo nazismo para impor-se no poder.

9. Como o nazismo organizou as atividades econômicas na cidade e no campo? As metas eram buscadas por quais meios? Comente e detalhe.